

Estratégias de correferenciação em textos de comunicação de massa

Luciana Marinho Fernandes da Silva *

Resumo:

Este trabalho trata da organização anafórica em textos da fala e da escrita, especificamente da correferenciação quanto à retomada pronominal e à repetição lexical. Situa as estratégias anafóricas na dimensão das estratégias cognitivas do falante para a obtenção da progressão referencial, ultrapassando, dessa forma, a noção de referência como uma relação biunívoca entre linguagem e mundo.

Este trabalho consiste num estudo sobre a organização anafórica em textos falados e escritos, especificamente a correferenciação quanto à retomada pronominal e à repetição lexical, tendo em vista o *status* semântico dos referentes -animado e inanimado.

A concepção de linguagem adotada é a sócio-interacionista. Esta concepção, proveniente das teorias lingüísticas que situam o espaço da interlocução como a realidade fundante da linguagem, contribui para concebermos o processo de produção da língua de forma inalienável do contexto sócio-histórico dos usuários.

Situando a análise nos parâmetros da Lingüística Textual, tratamos as operações responsáveis pela organização textual como estratégias de processamento cognitivo. Ultrapassando a noção de referência como uma relação biunívoca entre linguagem e mundo, situamos os referentes como objetos-de-discurso, reconhecendo que é no discurso que seus sentidos são determinados.

O *corpus* analisado contempla o contínuo dos gêneros textuais, tendo em vista superar a visão dicotômica da relação fala/escrita. É composto por nove textos da fala e vinte textos da escrita veiculados nos meios de comunicação de massa, contando aproximadamente 4.000 palavras para o total de textos de cada modalidade. Os textos foram coletados das seguintes fontes: programa *Cidade Alerta* e *Programa Paulo Lopes* para as reportagens de televisão e de rádio (não lidas), respectivamente; revistas *República*, *Veja* e *Isto É* e jornal *Folha de São Paulo* para as entrevistas e as notícias de jornal, respectivamente.

1. Fundamentação Teórica

Indo de encontro à concepção de língua sustentada pela lingüística estrutural, provinda dos postulados de Saussure, que a concebe como um sistema determinado e abstrato, assentamos a nossa análise na compreensão da língua enquanto um fenômeno dinâmico e heterogêneo, que deve ser pensado de forma indissociável das condições de produção - sujeitos e situação.

Quando saímos da visão de língua enquanto código para a concepção de língua

*Trabalho realizado na disciplina Lingüística V, sob a orientação do Prof. Luiz Antônio Marcuschi, em 1998.2.

enquanto atividade, saímos de um plano de análise da língua enquanto *ente* abstrato, para um plano que a apanha na sua realização, constituída no discurso, que se constrói como atividade cognitiva e interativa.

Fundamentados nessa concepção de língua, conduzimos o nosso estudo de forma a não corroborar a visão que considera a dicotomia fala e escrita. Para isso, desenvolvemos a nossa pesquisa em um *corpus* composto por textos coletados em situações de uso e distribuídos num contínuo de gêneros textuais.

A perspectiva do estudo da língua a partir de um contínuo de gêneros textuais nos permite estabelecer relações entre os aspectos lingüísticos e as variedades de discursos que aparentemente não teriam relação alguma, como, por exemplo, analisarmos comparativamente um fenômeno da língua em reportagens de televisão e entrevistas de revista.

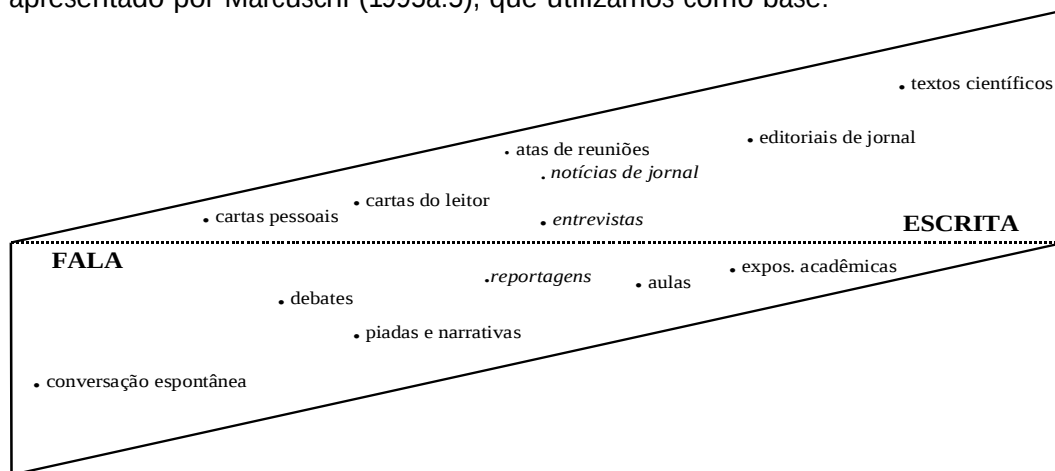
As análises de textos falados e escritos, contemplando o contínuo tipológico, têm mostrado que tanto a fala quanto a escrita variam numa gradação contínua, de modo que pares dicotômicos, tais como formal(escrita) / informal(fala), planejada(escrita) / não planejada(fala), apresentam-se como visões estanques. Pois, uma conferência acadêmica apresenta um grau de planejamento e de formalismo maior do que um bilhete pessoal (Marcuschi, 1995b:2-3).

Os estudos comparativos desenvolvidos entre as formas prototípicas da fala e da escrita $\frac{3}{4}$ por exemplo, entre uma conversação espontânea e um texto acadêmico $\frac{3}{4}$ por não considerarem a *variedade de diferenças situacionais, funcionais e processuais* (Biber, 1988), enfatizaram as diferenças entre essas modalidades, reforçando a polarização.

Segundo Marcuschi (1995b:22), “a relação fala e escrita se torna mais adequada quando observada não apenas na relação lingüística e sim na correlação entre forma/ gêneros textuais e estruturas lingüísticas”.

Essa perspectiva nos permite conduzir o estudo acerca da língua sem desvinculá-la dos traços situacionais e sem criarmos uma dicotomia entre fenômenos da fala e da escrita, porque estaríamos considerando fenômenos semelhantes.

Apresentamos abaixo um recorte do gráfico do contínuo de gêneros textuais, apresentado por Marcuschi (1995a:5), que utilizamos como base:



Esse gráfico apresenta uma diversidade textual que vai desde as formas prototípicas da fala e da escrita, textos situados nas extremidades do gráfico, até as produções em que as diferenças dessas modalidades não são tão definidas.

A partir desse recorte, selecionamos variadas manifestações textuais em uso nos meios de comunicação de massa: reportagens de televisão e de rádio, para a fala; entrevistas de revistas e notícias de jornal, para a escrita. Conduzimos a nossa análise de maneira a observarmos como se comporta a correferenciação num contínuo de textos que revelam um contínuo de variações da fala e da escrita num jogo de distinções e de correlações de características dentro de cada modalidade e entre elas. Esse recorte nos possibilitou analisar textos diversos produzidos na instância pública (discurso produzido dentro das instituições) e que compartilham basicamente da mesma função interacional: a de informar.

Na perspectiva da língua como *um fenômeno heterogêneo, variável, histórico e social, indeterminado do ponto de vista semântico e sintático* (Marcuschi, 1995b:4), consideramos as estratégias que são acionadas na relação linguagem-mundo-pensamento.

É nesse sentido que situamos o processo de correferenciação, ultrapassando a noção de referência como etiquetagem apriorica, marcada pela relação biunívoca entre linguagem e mundo. Assim, “o mundo fenomênico, externo, a possível extensão referencial de nossos itens lexicais não está à disposição, pronta para receber as designações pura e simplesmente (...) a referenciação é um processo discursivo e os referentes são objetos-de-discurso”. (Koch & Marcuschi, 1998:4)

A progressão referencial num texto não ocorre de forma linear. As estratégias anafóricas se dão de múltiplas formas, dependendo dos recursos lingüísticos e dos recursos da situação disponíveis ao tratamento que os interactantes achem necessário dar ao referente a fim de atingirem suas intenções comunicativas. Por conseguinte, consideramos que os procedimentos anafóricos estão sujeitos às forças discursivas e que é no discurso que eles são determinados.

1.1. Estratégias Anafóricas

Quando situamos a referenciação como um processo fomentado no discurso e postulamos uma noção não extensional de referência, o conceito tradicional de anáfora é necessariamente redimensionado. Nesse sentido, tomamos as estratégias anafóricas como procedimentos de organização textual que englobam estratégias de motivação cognitivo-discursiva para a obtenção da progressão referencial e da permanência de sentido.

As primeiras abordagens sobre a anáfora identificaram-na como a retomada de um termo lexical por um termo pronominal, precedido por aquele textualmente. Entretanto, a progressão discursiva delineada pelas retomadas anafóricas vai além da uniformização da continuidade referencial, como aponta Marcuschi (1998), podendo ocasionar alteração no objeto-de-discurso. Esta alteração se dá através da estratégia de *recategorização*, em que o item anafórico proporciona uma variação da carga semântica do referente. Neste caso, encontram-se as retomadas por hiponímia/hiperonímia, sinonímia, paráfrase, dentre outras. A estratégia de recategorização

situa-se no processo de *referenciação inferida*, em que é necessário do interlocutor um cálculo de base inferencial para a identificação do referente.

No âmbito do processo de inferenciação referencial, encontramos também o caso da *anáfora infiel*, em que a relação travada vai além da superfície do texto. Como ilustra o exemplo abaixo, extraído do ensaio de Marcuschi (1998:16):

Ex.1: “(...) o norte principalmente no Amazonas e no Pará... a influência indígena sobre a alimentação é muito grande... *eles* comem muitas coisas, todas assim...”.

Temos, então, o uso do pronome “eles” numa situação em que o referente não está cotextualmente explicitado. A progressão referencial, nesse caso, dá-se num processo em que informações partilhadas pelos interlocutores são acionadas e entram em relação com os elementos que estão na superfície do texto, construindo o sentido.

Em Koch (1998:40), encontramos: “incluem-se, também, na noção de anáfora, além de elementos que fazem remissão a outros expressos no texto, os que remetem a elementos do universo cognitivo dos interlocutores, desde que ativados por uma expressão do texto”. Vale ressaltar que este tipo de ocorrência é freqüente na fala, mas não na escrita, devido às condições de produção pertinentes a cada uma dessas modalidades.

O relativo não planejamento da fala, que diz respeito ao que chamamos de processamento *on line*, ou seja, o fato da elaboração do texto ocorrer quase que concomitante ao tempo em que é falado, é determinante para que a progressão referencial na fala não siga a mesma linearidade que na escrita.

1.2. A correferenciação

A correferenciação caracteriza-se pela retomada do referente como sendo o mesmo indivíduo ou objeto já introduzido. A progressão referencial através da estratégia de correferenciação envolve a *referenciação especificada*, que implica manutenção referencial, e alguns casos da *referenciação inferida* que implicam refocalização do referente (Koch & Marcuschi, 1998:15).

Este trabalho concentra-se na análise da referenciação especificada. Nesse caso, a manutenção referencial se dá pela estratégia da anáfora nominal, no caso da repetição lexical; e pela estratégia da anáfora pronominal (pronome de 3ª pessoa).

Esses dois tipos de estratégia garantem a estabilidade do referente não lhe causando nenhuma alteração semântica. No caso da repetição lexical, a relação do item anaforizante com o referente implica cosignificação, ou seja, estabelece-se uma relação léxico-semântica. No caso do pronome pessoal de 3ª pessoa, dá-se uma situação interessante, visto que ele pode substituir os sujeitos mais diversos de que toma-lhes o sentido.

Alguns estudos (c.f. Marcuschi, 1998) têm apontado uma tendência maior pelo uso da anáfora lexical na escrita. Já na fala, observa-se uma maior freqüência de uso da anáfora pronominal. O presente estudo confirma essas tendências.

2. A Análise

Analizamos os casos de referenciação especificada quanto às retomadas pela anáfora nominal, no caso da repetição lexical, e pela anáfora pronominal, no caso do pronome de 3ª pessoa. Os resultados, quantificados em tabelas, apontam uma tendência maior no uso da estratégia de pronominalização para os gêneros reportagens de televisão e de rádio, na fala; e de repetição lexical para o gênero notícia de jornal, na escrita. E indicam o uso proporcional dessas estratégias nas entrevistas escritas.

Tendo em vista que o tipo de relação existente entre os participantes da interação condiciona efetivamente o processo de construção do texto, antecede a análise interpretativa dos dados uma abordagem acerca de alguns aspectos que configuram esses gêneros.

2.1. Aspectos dos Gêneros Abordados

Um dos aspectos que caracterizam os textos veiculados nos meios de comunicação de massa é o fato de eles serem constituídos sem a intervenção dos ouvintes/leitores. Isso implica a impossibilidade de domínio do processo de compreensão pelo interlocutor. Por conseguinte, os efeitos comunicativos se sobressaem aos efeitos interativos.

Assim, estamos numa instância em que a produção do discurso se processa de forma semelhante em ambas modalidades da língua. Se na interação face a face o discurso se constrói de maneira co-participativa, nos gêneros textuais da mídia falada a cooperação discursiva inexistente, tal qual ocorre na produção escrita.

Portanto, tanto os textos falados quanto os textos escritos devem conter um conjunto de pistas a fim de possibilitar ao leitor/ouvinte dar passos interpretativos a partir da cadeia referencial.

2.2. Análise Interpretativa dos Dados

Modalidade: fala

Gênero	Pronominalização	Repetição lexical
Reportagem de televisão Total de retomadas: 131	70%	30%
Reportagem de rádio Total de retomadas: 90	66%	36%

Modalidade: escrita

Gênero	Pronominalização	Repetição lexical
Notícia de jornal Total de retomadas: 105	30%	70%
Entrevista de revista Total de retomadas: 62	48%	52%

Percebemos, observando as duas tabelas, que, nos gêneros da fala, a retomada de referentes por pronominalização tem grande incidência: 70% para o total de 131 retomadas nas reportagens de televisão e 66% para um total de 90 retomadas nas

reportagens de rádio; enquanto no gênero notícia de jornal, escrita, a incidência maior recai nas repetições lexicais, 70% para o total de 105 retomadas. Essas duas estratégias de correferenciação tiveram suas ocorrências quase equiparadas nas entrevistas escritas, ficando quantificadas 52% para as repetições lexicais e 48% para as pronominalizações num total de 62 retomadas.

A grande incidência de pronominalizações na fala pode ser pensada em função das condições de produção -texto formulado quase concomitante ao momento em que é falado. Esta condição de produção não favorece à seleção de recursos variados pelo falante; recorrendo, portanto, às retomadas pronominais, tendo em vista que o pronome de terceira pessoa pode ser facilmente acionado como elemento anafórico para variados referentes. É interessante observar que o diálogo faz parte da estrutura dessas reportagens e neles a retomada por pronome ocorre reiteradamente, diferente da escrita, visto que o seu relativo planejamento possibilita ao escritor selecionar de forma diversificada os itens referidores.

No fragmento, mostrado abaixo, de entrevista de uma reportagem do programa de televisão *Cidade Alerta* de 31 de maio de 1999, podemos verificar como a pronominalização de referentes, principalmente, e a repetição lexical são estratégias bem recorrentes na fala:

Ex. 2: “(...) todos *eles* [os assassinos]... chegaram em casa... o () latiu muito... a gente tem um cachorro bravo na chácara.... *ele* latiu muito... aí meu irmão falou... “mãe... é gente” e abriu a porta pra ver... mas o Jacó... *ele* já tava na porta do quarto da minha mãe... e *ele* pegou... já pegou meu irmão assim... pela camisa... baleou na cabeça... *o meu irmão* andou um pouco e caiu... ficou com um tiro só... e *ele* entrou pra dentro do quarto da minha mãe... aí depois... *ele* pegou e baleou o Wilson... *o Jacó* baleou o Wilson... meu outro irmão...aí *a minha mãe* agarrou... meu irmão... aí *ele* pegou colocou o revólver na cabeça da minha mãe... e deu dois tiros... mas tudo isso porque *minha mãe*... não quis guardar o carro que *ele* roubou...”

As notícias de jornal primam pela repetição lexical em detrimento da pronominalização e até da variação lexical. Por serem textos pequenos e centrados em acontecimentos, não há tendência em mexer na estabilidade semântica do referente. Como ilustra o exemplo abaixo extraído do jornal *Folha de São Paulo* de 12 de junho de 1999:

Ex. 3: “A *deputada federal Luiza Erundina* (PSB) já vislumbra uma disputa com a petista Marta Suplicy pela prefeitura de São Paulo (...) *Erundina* não esconde o sonho de voltar à prefeitura (...) A ex-prefeita não revela, mas está de olho na possibilidade do grupo de Michel Temer obter maioria no diretório paulistano do PMDB e apoiá-la na corrida municipal (...) No quadro atual, *Erundina* trabalha com a possibilidade (...) *Erundina* não trabalha com a possibilidade de, pela falta de nomes fortes do PSDB, receber o aval dos tucanos na eleição.”

No caso do gênero entrevista (escrita), a quase equivalência de ocorrência da repetição lexical e da pronominalização, 52% e 48% respectivamente, para o total de 62 retomadas, pode ser atribuída ao fato de esse texto ser estruturado a partir de um texto da fala, tendo em vista ser a pronominalização a estratégia mais recorrente nesta modalidade da língua.

A maior incidência das retomadas anafóricas tanto nos gêneros falados quanto nos gêneros escritos se deram em relação aos referentes animados, de forma que as retomadas de referentes inanimados foram tão mínimas que não têm consistência para se fazerem representar estatisticamente. Podemos afirmar que os referentes animados na fala tendem a ser pronominalizados e na escrita tendem a ser retomados por repetição lexical.

Conclusão

Tanto a fala quanto a escrita se utilizam da repetição lexical e da pronominalização para garantir a progressão referencial. Verificamos que a diferença de ocorrência desses casos é determinada pelas condições de produção pertinentes a cada uma dessas modalidades.

O jogo da referenciação se estabelece primordialmente no discurso. A análise desenvolvida, considerando o contínuo de gêneros textuais, possibilitou tratar os fatos lingüísticos, inserindo-os no contexto mais amplo da situação comunicativa. Nesta dimensão, a atividade de produção e recepção textual requer dos interlocutores não só habilidade lingüística, mas também cognitivo-discursiva.

Referências Bibliográficas

- BIBER, Douglas (1988). *Variation across speech and writing*. Cambridge, Cambridge University Press.
- KOCH, Ingedore Villaça (1998). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto.
- KOCH, Ingedore Villaça & MARCUSCHI, Luiz Antônio.(1998). Processos de referenciação na produção discursiva. In *D.E.L.T.A.* 14(número especial): 169-190.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1995a). *Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos*. Conferência pronunciada no II Encontro Nacional sobre Fala e Escrita. mimeo.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1995b). Fala e escrita: características num contínuum tipológico. In *Fala e escrita: usos e características num contínuum tipológico*. Projeto Integrado, proc. Nº 523358/94-6, financiado pelo CNPq. mimeo.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1998). Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. In: *"Fala e Escrita: Características e usos"*. Projeto Integrado, proc. 523612/96-6, financiado pelo CNPq. mimeo.